

convencional. O paciente veio a óbito no dia seguinte ao procedimento cirúrgico. Sabe-se que os adenocarcinomas prostáticos são altamente invasivos e metastáticos, sendo de prognóstico ruim. Porém, mesmo nesse caso não sendo possível a total realização do procedimento através da videocirurgia, quando tratar-se de pacientes com escore corporal adequado, a técnica é altamente recomendada, por ser um procedimento pouco invasivo e menos traumático, facilitando o pós-operatório do paciente. O diagnóstico precoce dessas neoplasias é de suma importância para a intervenção precoce a fim de diminuir a progressão agressiva da enfermidade.

Palavras-chave: Prostatectomia; Adenocarcinoma prostático; Videocirurgia.

P-009

AGENESIA BILATERAL DE ULNA EM FELINO: RELATO DE CASO

Janalia Azevedo Faria¹; Nilza Dutra Alves²; Francisco Marlon Carneiro Feijó³; Sthenia Santos Albano Amora³; Ana Helena Lima de Souza²; Rodrigo Alboim de Paiva Fernandes Rodrigues²

É relatado um caso de agenesia bilateral de ulna em um gato, sem raça definida, macho, de dois meses de idade atendido na Policlínica veterinária de Fortaleza/CE. O animal se apresentou com uma visível deformidade bilateral do membro torácico e a queixa principal foi dificuldade de locomoção e postura anormal. O paciente passou por um exame clínico e em seguida foi realizado um RX sendo detectada a confirmação da ausência de ulna. A ulna é constituída de corpo, que é alongado e está fundido ao corpo do rádio, exceto nos espaços interósseos. A extremidade distal da ulna também está aderida ao rádio e termina formando o processo estilóide da ulna. A ulna, juntamente com o rádio, faz parte do esqueleto do antebraço. Estes ossos são móveis um sobre o outro e completamente distintos. No cão e no gato, entram em contato apenas nas extremidades proximal e distal para permitir a realização dos movimentos de pronação e supinação. É rara a ausência total ou parcial do segmento ósseo distal dos membros, promovendo ao animal algumas limitações, uma vez que reduz a capacidade de movimentação, promove atrofia muscular e encurtamento dos membros, alterações posturais e de locomoção, sendo um quadro indolor. As alterações morfológicas congênicas, caracterizadas por desenvolvimento anormal de um osso ou parte dele são denominadas de disostoses. As causas que podem justificar este tipo de má formação são diversas, entre elas compressão gestacional intrauterina, manifestações teratogênicas provocadas por drogas, processos inflamatórios, desnutrição, exposição a radiações ionizantes, trauma sofrido pela gestante, vacinas, insulino terapia e deficiência vascular embrionária. Para a recuperação do animal, foi instruído que ficasse em locais acolchoados até que se habituassem a nova condição. O animal foi reavaliado e apresentava boa qualidade de vida com apoio frequente do rádio, optando-se dessa forma por continuar o tratamento conservativo. A agenesia bilateral de ulna observada no felino deste relato respondeu bem ao tratamento conservativo, com o animal apresentando boa qualidade de vida.

Palavras-chave: Agenesia; ulna; gatos.

1 Discentes do mestrado em ambiente, tecnologia e sociedade

2 Discente do curso de medicina veterinária

3 Docente do curso de pós-graduação em Ambiente, Tecnologia e Sociedade.

Email: Nilzadutra@yahoo.com.br

P-010

ALTERAÇÕES CLÍNICAS E LABORATORIAIS EM CANINO PORTADOR DE DESVIO PORTOSSISTÊMICO INTRA-HEPÁTICO CONGÊNITO

Geyanna Dolores Lopes Nunes ; Giovanna Carla de Oliveira Campos; Sílvia Aparecida Cavalcanti de Queiroz; Genilson Fernandes de Queiroz; Kilder Dantas Filgueira

Objetivou-se descrever, na espécie canina, o perfil clínico-laboratorial do desvio portossistêmico (DPS) de origem congênita e localização intra-hepática. Uma cadela, com três anos de idade, da raça pastor alemão, possuía hiporexia e apatia. A paciente foi submetida ao exame físico. Optou-se por realizar hemograma completo, bioquímica sérica (hepática e renal), análise de líquido ascítico e ultrassonografia abdominal. Preconizou-se terapia com silimarina, ácido ursodesoxicólico, furosemida, dieta específica para animal hepatopata e paracentese periódica. Foi necessária uma biópsia hepática, sendo enviada para histopatologia. A cadela apresentava estado nutricional magro, mucosas hipocoradas e edema de membros pélvicos. Havia distensão do abdômen decorrente da presença de efusão. As anormalidades laboratoriais equivaleram à anemia arregenerativa, elevação da atividade sérica das enzimas hepáticas e hipoalbuminemia. O fluido ascítico foi classificado como transudato e a imagiologia exibiu fígado com dimensão aumentada, parênquima rugoso e ecogenicidade diminuída. Estabeleceu-se diagnóstico de hepatopatia, sem confirmação da etiologia. O tratamento não determinou remissão da sintomatologia, justificando-se a biópsia incisional do fígado, cuja avaliação histopatológica foi indicativa de DPS congênito intra-hepático. Transcorridas algumas semanas o animal veio a óbito. O DPS é uma comunicação vascular anômala entre a circulação portal e sistêmica, podendo ser congênito ou adquirido, solitário ou múltiplo, além de intra ou extra-hepático. Fatores genéticos podem estar envolvidos com o aparecimento do DPS congênito, assim como insultos durante a gênese fetal que resultam em má formação da vasculatura hepática. Na paciente em questão, a inspeção cirúrgica abdominal excluiu a presença de estruturas vasculares correlacionadas com o DPS extra-hepático. Assim a histopatologia revelou importância para o diagnóstico do DPS intra-hepático. Como o DPS da fêmea relatada era de localização intra-hepática, tornou-se difícil o emprego de técnicas cirúrgicas para a correção. Logo a terapia restringiu-se ao uso de fármacos, o que contribuiu para um prognóstico desfavorável. Em cães jovens (mas não obrigatoriamente pediátricos) deve-se considerar a possibilidade de DPS congênito. Por vezes, devido à ausência de especificidade clínica e laboratorial há necessidade da adoção de provas invasivas, como biópsia hepática destinada a histopatologia.

Palavras-chave: distúrbios do desenvolvimento, vascularização, fígado.

P-011

ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICAS E BIOQUÍMICAS DE CÃES REAGENTES PARA LEPTOSPIRA SPP

Ana Miriam Vieira¹; Laís Miguel Rezende¹; Lucas Dorneles de Oliveira²; Tatiane Cristina Fernandes Tavares³; Dayane Olimpia Gomes⁴; Anna Monteiro Correia Lima-Ribeiro⁵

Foi avaliada a frequência sorológica de anticorpos anti-*Leptospira* spp em cães atendidos em Uberlândia, MG que também foram submetidos aos exames hematológicos e bioquímicos (ureia, creatinina e ALT). Na rotina de atendimento clínico de cães, muitas vezes o médico veterinário solicita e interpreta exames de sangue e já propõe um tratamento, ignorando a possibilidade de ocorrência de doenças que necessitariam de um exame mais específico para serem confirmadas. Diante disto, foram testadas 94 amostras de soro sanguíneo

de cães no teste de soroaaglutinação microscópica em campo escuro (SAM), com uma coleção de 14 sorovares. Dos cães avaliados, 31,91% (30/94) apresentaram-se reagentes à *Leptospira* spp., sendo que a frequência dos sorovares encontrados foram *Icterohaemorrhagiae* (83,33%), *Canicola* (43,33%) e *Copenhageni* (3,33%). Algumas alterações hematológicas, encontradas nos cães reagentes na SAM, são consideradas “clássicas” da leptospirose, como anemia 5 (16,67%), trombocitopenia 4 (13,33%) e trombocitose 6 (20%). No entanto, resultados de hemogramas normais não excluem o diagnóstico da doença. Dos valores que se referem aos resultados bioquímicos dos 30 animais reagentes no SAM, encontrou-se 24 (80%), amostras que apresentaram elevação no valor da ureia 4 (13,33%), elevação no valor de creatinina 1 (3,33%) e 5 (16,67%) apresentaram elevação no valor da ALT. Vale destacar que apenas a elevação da ureia foi um achado considerável dentre os resultados bioquímicos. Alguns animais reagentes na SAM não apresentaram alterações no hemograma e nem nos testes bioquímicos. Concluiu-se que a frequência de leptospirose foi de 31,91% em cães com e sem alterações hematológicas e bioquímicas. Por esta razão, sugere-se a solicitação do teste de soroaaglutinação microscópica em campo escuro para leptospirose, quando houver suspeita clínica, pois os achados laboratoriais hematológicos e bioquímicos não são específicos e necessariamente conclusivos em animais infectados por leptospirosas patogênicas.

Palavras-chave: Leptospirose, Diagnóstico, Soroaaglutinação Microscópica (SAM).

Agradecimentos: Apoio financeiro: Edital nº64/2008 CNPq/MAPA/SDA; FAPEMIG; CAPES.

1 Médicas Veterinárias autônomas

2 Bolsista PIBIC/FAPEMIG/UFU

3 Aluna do Programa de Pós Graduação em Ciências Veterinárias da FAMEV-UFU

4 Programa de Residência em Medicina Veterinária Preventiva da FAMEV-UFU

5 Prof.ª Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia.

E-mail: annalima@famev.ufu.br e lucasdornelesvet@yahoo.com.br

P-012

ALTERAÇÕES SÉRICAS DO METABOLISMO DO FERRO EM CÃES COM LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA

Sandra Geisa Costa Albano¹; Luciana Pereira Machado²; Railson Sousa Santos¹; Antônio Francisco Lisboa Neto¹; Jamile Prado dos Santos²; Daniel Biagiotti³

Foi avaliado o efeito da leishmaniose visceral canina (LVC) nos parâmetros séricos do metabolismo do ferro. Foram utilizados 30 cães residentes no município de Bom Jesus-PI, divididos em três grupos de dez animais: G₁ (cães positivos para LVC no exame parasitológico); G₂ (cães inicialmente com suspeita clínica de LVC, porém negativos no exame sorológico e parasitológico) e; G₃ grupo controle (cães sem alterações clínicas e sorologia negativa para LVC). Foram colhidos 5ml de sangue por punção da veia jugular em tubos contendo anticoagulante EDTA para avaliação do hemograma e 10ml de sangue em tubos sem anticoagulante, para avaliados da concentração sérica do ferro, capacidade total (CTLF) e latente de ligação do ferro (CLLF) e do índice de saturação da transferrina (IST). Foi realizada análise de variância (ANOVA) pelo procedimento GLM do programa estatístico SAS e teste de Tukey, com 5% de significância. Os animais do G₁ apresentaram anemia (VG: 24,4±7,1%), hiperproteinemia (8,7±1,5 g/dl) e hipoferrêmia, com os menores níveis de ferro sérico (92,4±37,2µg/dl) e do índice de saturação da transferrina (22,6±9,4%) entre grupos (p<0,05%). O G₂ apresentou concentração de ferro sérico (134±39,3µl/dl) e do IST (27,4±7,8%) inferior ao grupo controle (p<0,05),

porém dentro dos valores de referência (Ferro: 97,7-175,1µl/dl; IST: 24,8-47,3%). Não houve alteração significativa para CTLF e CLLF. No G₃ todos os parâmetros estiveram dentro dos valores de referência. As alterações observadas nos animais do G₁ são compatíveis com deficiência e/ou sequestro de ferro. Estas alterações foram mais discretas no G₂, indicando que ocorrem de modo mais significativo na LVC do que em outras doenças que possam ter quadro clínico semelhante. O sequestro de ferro pode ocorrer em resposta ao processo inflamatório presente na doença e provavelmente é um dos mecanismos causais da anemia na LVC. Conclui-se que a leishmaniose visceral canina induz redução nos níveis de ferro sérico e do índice de saturação da transferrina, que podem estar relacionados à deficiência ou sequestro do ferro.

Palavras-chave: *Leishmania chagasi*, transferrina, anemia.

1 Alunos do Curso de Medicina Veterinária/UFPI/CPCE

2 Docente do Curso de Medicina Veterinária/UFPI/CPCEz

3 Prof. Substituto UFPI/CPCE. Email: lucianamachado@ufpi.edu.br

P-013

AMPUTAÇÃO DE DÍGITO EM UMA CADELA COM MASTOCITOMA: RELATO DE CASO

David Carvalho Sales¹; Altamiro Ferreira da Silva Neto¹; Marina Sena da Silva¹; Aline Monteiro Silveira¹; Sue Kaneko Lindoso²; Bruno Alencar Maia²

É relatado um caso de Mastocitoma em uma cadela, que apresentou uma neoplasia interdigital no membro posterior direito (MPD). Ao chegar no Hospital Veterinário Dr. Vicente Borelli, foi realizado o exame clínico geral do animal em que foi observada presença de massa interdigital no MPD, sem qualquer alteração nos demais sistemas. Foi sugerido ao proprietário que o animal fosse submetido ao exame de Punção Aspirativa Por Agulha Fina (PAAF), como método de exame complementar, para auxiliar no diagnóstico e tratamento, no qual foram evidenciados grânulos intracitoplasmáticos, além de moderado grau de degradação associado ao infiltrado eosinofílico e neutrofílico. Diante do pressuposto o animal foi encaminhado para a cirurgia, onde foram realizados exames pré-cirúrgicos, como hemograma e bioquímica sérica, para fins de avaliação de perfil renal e hepático, bem como radiografia torácica. Nos exames solicitados não houve qualquer tipo de alteração. Foi estabelecido o procedimento cirúrgico de amputação de dígito para a retirada da massa neoplásica. O protocolo anestésico de escolha foi Medicação Pré-Anestésica (MPA) com Acepromazina (0,2ml/kg/IM) e Morfina (0,4ml/kg/IV), indução com Propofol (3,0ml/kg/IV), anestesia peridural com associação de Lidocaína (0,75ml/kg), Bupivacaína (0,75ml/kg) e Morfina (0,8ml/kg), manutenção anestésica com anestesia inalatória com Isoflurano 2%. A remoção cirúrgica da massa foi efetuada através de uma incisão triangular com margem de segurança de 3cm, divulsão das camadas até as Articulações Metatarsofalangiana, que foi desarticulada preservando-se os coxins plantares. A peça retirada foi conservada em solução tamponada de formol a 2% e encaminhada para exame histopatológico, onde foi confirmado o diagnóstico de mastocitoma. O método citológico PAAF, permitiu o diagnóstico da neoplasia. A remoção cirúrgica total da massa, mostrou-se mais indicada como forma de tratamento.

Palavras-chave: Neoplasia, Canino, PAAF.

1 Discente do Curso de Medicina Veterinária da Faculdade Pio Décimo

2 Docente do Curso de Medicina veterinária da Faculdade Pio Décimo

3 Médica Veterinária do Laboratório de Patologia Clínica PATLAB.

Email: davidcarvalhosales@hotmail.com